

PSICANÁLISE

Stefano Bolognini

Fluxos vitais entre o *self* e o não *self*

O interpsíquico

Blucher

FLUXOS VITAIS ENTRE
O *SELF* E O NÃO *SELF*

O intersíquico

Stefano Bolognini

Tradução

Diego Felipe Scalada

Título original: *Flussi vitali tra sé e non-sé. L'intersichico*
Fluxos vitais entre o self e o não self: o intersíquico

© 2019 Stefano Bolognini

© 2019 Raffaello Cortina Editore

© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Lidiane Pedroso Gonçalves

Preparação de texto Bonie Santos

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bolognini, Stefano

Fluxos vitais entre o self e o não self: o intersíquico / Stefano Bolognini ; tradução de Diego Felipe Scalada. – 2. ed. – São Paulo : Blucher, 2022.
256 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-075-1 (impresso)

ISBN 978-65-5506-076-8 (eletrônico)

1. Inconsciente (Psicologia). 2. Psicanálise.

I. Título. II. Scalada, Diego Felipe.

22-0722

CDD 154.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Inconsciente (Psicologia)

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio	11
<i>Paola Marion</i>	
1. Passagens secretas para o inconsciente: residências emocionais, formas de contato e de exploração	29
2. A despeito de meu ego: o inconsciente e o “ <i>problem solving</i> ”	51
3. Representação e sintonização	81
4. A intimidade e seus equivalentes interpéssicos	93
5. Interpessoal, intersubjetivo, interpéssico e transpéssico	115
6. Seis procedimentos técnicos mínimos de uso comum	137

7. Antes do intersubjetivo: a clínica dos pacientes “pré-sujeituais” e “pré-analíticos”	151
8. Psicanálise e psicose: reencontrar o <i>self</i> para reconstruir o ego	163
9. “ <i>Ubique et semper</i> ”: equivalências e consubstancialidades entre passado, presente, futuro temido e futuro potencial na experiência analítica	205
Referências	243

1. Passagens secretas para o inconsciente: residências emocionais, formas de contato e de exploração

Há duas coisas duradouras que podemos almejar deixar como legado a nossos filhos: as raízes e as asas.

Provérbio chinês

Em todos esses anos de trabalho clínico, pude notar que, para muitas pessoas, o local em que residem definitivamente não corresponde a sua residência emocional profunda. Muitos vivem em uma cidade, inclusive no exterior, tendo concretamente se distanciado, desde sua juventude, dos lugares e das famílias de origem pelos mais diversos motivos de ordem externa (estudo e trabalho são os mais frequentes) e/ou de ordem interna (por exemplo, a necessidade de se distanciar de relações familiares demasiadamente intensas ou muito pouco envolventes).

Contudo, impressionou-me sempre a persistência, às vezes não de todo consciente, dos potentes vínculos subterrâneos com aqueles lugares e com aquelas famílias, amiúde minimizados ou subjetivamente negados, que permanecem indefinidamente constituindo verdadeiras *simbioses invisíveis* (termo que devemos à criatividade

investigativa de José Bleger [1967]) e que se revelam com toda a sua força dramática nos momentos críticos, como a perda de um progenitor ou a supressão dos elementos de *base fantasmática* levada dentro de si, no âmago profundo, mesmo em situações de distância geográfica e sob um aparente regime de esquecimento.

Sempre me impressionaram (embora o exemplo não seja dos mais edificantes, não lhe falta eficácia) aquelas histórias sobre os clãs mafiosos das grandes metrópoles estadunidenses nos anos 1930 e 1940 que, em virtude de decisões irrevogáveis, manifestavam, com uma devoção quase religiosa, um apego às raízes familiares, por vezes situadas nos grotões recônditos do interior da Sicília, para onde os chefes do Brooklyn ou de Chicago regressavam às suas origens para consultar as “famílias”, revelando assim residências emocionais e cenários internos surpreendentemente diversos em relação à sua verdadeira localização geográfica.

O cinema nos forneceu representações inesquecíveis dessas geografias intersíquicas individuais e de grupo.

Nos dias de hoje, um indício eloquente de nossos cenários cenográficos individuais reside justamente na escolha da imagem de abertura presente na tela de nossos computadores: fotografias que retratam lugares ideais, sempre distantes e exóticos, ou – como mais frequentemente ocorre – que nos apresentam diariamente ambientes e pessoas que nos são familiares e que fazem parte da nossa existência presente ou pretérita; essas imagens revelam cenários de base que servem de fundo a nossas vidas internas; nós as colocamos ali, um tanto quanto idealizadas e nem sempre em operações conscientes, para que nos façam ser e sentir aquilo que somos.

Enfim, cada um tem o seu cenário, um cenário interno no qual é facilmente possível encontrar representações, sejam concretas, por analogia ou de maneira simbólica, das coisas que pertencem

às nossas próprias vidas. Assim como os demais, também eu tenho meu cenário, que faço questão de lhes apresentar a fim de proporcionar uma ambientação imaginável, não muito nem exclusivamente abstrata, para alguns pensamentos psicanalíticos. A antiga casa, erigida em seixos de rio sobre as colinas dos Apeninos bologneses, berço de minha infância e lugar de representação de tanta vida onírica minha e de meus familiares, abriga, no piso térreo de frente à escada que leva aos andares superiores, uma pequena porta medieval de madeira maciça que dá acesso à adega. Até o fim dos anos 1950 havia muita vida lá embaixo, e disso me lembro muito bem: homens atarefados que descarregavam dos carros, durante dias, pesados caixotes repletos de uvas, trocando entre si poucas, porém enérgicas e peremptórias palavras; mulheres sentadas no chão cortando os cachos de uva para acomodá-los em caixinhas para o mercado, tagarelando em dialeto sobre as coisas da vida; o cheiro do mosto nos tonéis, os grandes barris silentes e – todas em fila – milhares de garrafas; degustações, negócios e contratos; nós, crianças, ouvindo tudo aquilo repletos de curiosidade. Os caixotes de uva eram transportados por veículos agrícolas puxados por bois, visto que naquelas bandas ainda não havia muitos tratores, tampouco carros; era um mundo rural não muito diferente daquele dos séculos XVIII e XIX, pensando bem, com todas as injustiças sociais e, não obstante, com uma miríade de diversidade humana, de sons, cores e contatos hoje inimagináveis.

Hoje aquele mundo já não existe. Todas aquelas pessoas já não existem, embora eu me recuse a aceitar. Nas palavras de Attilio Bertolucci (1929), “Ausência, a mais aguda presença”, e é de fato assim. A casa esteve sempre lá, mas hoje ninguém a habita. Hoje, transposta aquela porta de nogueira maciça, entra-se numa verdadeira penumbra, pesada, e subitamente nos deparamos com a densidade misteriosa dos séculos, incluídos aqueles ocultos em seu silêncio.

Descendo as escadas, sob a luz de um candeeiro, adentramos em um salão com pavimento de pedra, repleto de barris e tonéis há muitas décadas vazios, do qual se projetam outras portas misteriosas.

Uma delas é murada.

Pouco mais adiante, uma porta ainda menor, em madeira castanha escuríssima e carcomida pelo tempo, constitui a maior atração para os hoje raros visitantes do local: dela se adentra nos verdadeiros pisos subterrâneos da casa, uma ramificação de estreitas galerias escavadas em rochas calcárias sabe-se lá quando e que levavam à *geladeira* (local de acúmulo e conservação da neve invernal para a despensa) e a um túnel estreito e comprido até a base da colina, outrora uma via de fuga em caso de invasões inimigas.

Os Apeninos bolonheses, aparentemente pacatos e pouco atraentes, na verdade ocultam um sinuoso e surpreendente subsolo entrecortado por vias medievais escavadas com pás e picaretas, uma espécie de queijo suíço em que cada passagem secreta tinha a sua dramática razão de ser e a sua história mais ou menos venturosa ligada àqueles séculos das trevas.

Mas a mim, na verdade, aquela porta anterior, a porta murada, sempre me intrigou: sobretudo porque me dei conta de que o pavimento no piso superior (ou seja, o andar térreo), se percorrido em correspondência à área aparente delimitada por ela, soaria vazio.

O que haveria para além daquela porta?

Certamente havia alguma coisa, eu podia deduzir isso pelo indício acústico e pelo fato de que uma porta daquele tipo, totalmente solene e engenhosa, com aquele arco em tijolos antigos e alvenaria em seixos de rio, não teria justificativa sem um vão posterior revestido de alguma importância.

Por que a haviam murado, muito provavelmente há alguns séculos, a julgar pelo emprego daquela técnica?

Eu sabia da existência de outros vãos murados sob aquela casa e de outros semelhantes na região, redescobertos a partir de reformas: mas naqueles casos os espaços sempre abrigavam materiais de escombros, cacos de barro, madeiras velhas, outras pedras etc. Aqui, não: parecia vazio.

Desde criança fui postergando à idade adulta a possibilidade de derrubar aquele muro e ver o que havia além daquela porta. Quando adolescente, porém, arrisquei algumas tentativas por iniciativa própria, usando martelo e estaca, mas antes que conseguisse remover a primeira pedra os mais velhos da casa me impediam, não me lembro por qual motivo.

Depois ingressei na universidade, conheci o mundo, e meus interesses se apartaram daquele subterrâneo, de modo que não voltei a pensar nele até que, com a análise, a porta murada reapareceu nos sonhos com uma força ineludível, pegando-me de surpresa. Em um sonho, crucial para mim, finalmente entrei naquele grande aposento, tanto tempo depois que eu o suprimira: e o que encontrei ali (ou, antes, reencontrei) mudou minha vida.

Um detalhe interessante a ser repensado hoje é que, no sonho, para entrar naquele local remoto e descobrir o que ele continha, não foi necessário usar nem martelo nem estaca. Peço que tenham em mente esse detalhe.

No célebre *Zen e a arte do tiro com arco* (1948), o filósofo alemão Eugen Herrigel, tendo vivido alguns anos no Japão para ensinar filosofia ocidental e decidido a fazer uma imersão total na cultura local, levou muito tempo para compreender que, para tensionar o arco e fazer a flecha disparar, não era preciso empregar nenhuma técnica mecânica e intencional.

O mestre japonês não podia explicar, de maneira eficaz e em termos filosóficos, se quisesse operar uma verdadeira transformação no filósofo.

Podia tão somente assisti-lo naquela experiência e acompanhá-lo como podia, de forma mais ou menos paciente e resignada; até que despertou de sobressalto, visivelmente emocionado, quando Herrigel, que por meses a fio havia tentado sem sucesso tensionar o arco, após diversas tentativas voluntariosas, já exausto e exasperado, desferiu um belo golpe com a flecha, quase sem querer.

Então o mestre se levantou, fez uma mesura e declarou, com um solene reconhecimento: “Hoje *se* atirou!”.

O professor Herrigel, que durante meses havia tentado com alguma astúcia – sem deixar transparecer – diversas técnicas de tensão voluntária daquele maldito arco, ficara surpreso consigo mesmo, por haver algo nele que o havia precedido, esquivando-se do controle de sua intenção consciente. O que havia acontecido? Difícil de explicar.

De todo modo, o mestre fez questão de deixar claro que não havia se curvado *a ele*, mas *ao episódio*: ele “*se*” atirou.

Quase nunca acontece, na psicanálise, essa espécie de “Abre-te, Sésamo!” efetivamente voluntário e programável do acesso ao inconsciente, e ao mesmo tempo não há nada de mágico em nosso trabalho.

Na maioria das vezes, não obstante, há uma longa, paciente e analiticamente laboriosa coabitação psíquica que pode produzir aberturas e transformações, à espera de algo que virá, se vier; algumas vezes, sim, por mera *krysis*, mas muito frequentemente por uma lenta e diligente *lysis*.

Aliás, esta disposição inicial já marca a diferença entre um psicanalista e uma pessoa qualquer: poucos sabem tolerar a amplitude

e a eventual tensão do silêncio, da espera, do não dito, quando por alguns instantes não se tem nada a dizer, antes mesmo de saber interpretar (do latim, *inter-pretium-dare* = *dar um preço, um valor, um sentido*) qualquer coisa.

Por mais estranho que pareça, poucos suportam não saber, e até mesmo os analistas muito frequentemente acreditam saber o que vai acontecer, o que virá, o que há do outro lado do muro daquela misteriosa adega; como é feito o inconsciente, o que há dentro dele, como abri-lo, como adentrá-lo, o que se entende por ele e o que eventualmente será possível fazer com ele. Nossa pesquisa teórica e clínica é, sem sombra de dúvidas, útil e necessária, e neste exato momento centenas, talvez milhares de colegas se dedicam com mérito a ela segundo as tendências e vertentes que mais lhes convêm.

Contudo, a realidade da prática quotidiana exige, na maioria das vezes, que tenhamos uma ideia muito difusa sobre até onde iremos com cada paciente, e de fato, tal incerteza concentra, paradoxalmente, uma sábia dignidade de nossa ciência e profissão: se um paciente, durante a consulta, me perguntar quanto irá durar a análise, respondo-lhe com grande serenidade que não se trata de estabelecer uma duração para a análise, mas antes de saber o quanto durará *a sua* análise; poderia concluir o raciocínio apontando-lhe que, se alguém ousasse uma previsão (talvez com o conseqüente agravante de uma assertiva ousadia), certamente não seria um psicanalista.

Por vezes, quando uma pergunta do tipo me é dirigida com aquela típica postura de suficiência e superioridade, minha vontade é responder citando, com bastante tranquilidade, uma célebre frase de Yogi Berra, campeão americano de beisebol, um rebatedor que levava os repórteres estadunidenses à loucura: “It’s tough to

make predictions, particularly about the future” (“É difícil fazer previsões, sobretudo em relação ao futuro”).

Nossa força reside antes no método, associado à confiança oriunda de toda nossa experiência acumulada, geração após geração, de analistas, nós incluídos, que temos sido amparados pela psicanálise – para sermos claros – antes de mais nada em nossas vidas pessoais.

Contudo, essas passagens secretas que conduzem ao inconsciente existem, talvez até nos esperem – no sentido de haver um desejo ambivalente, conflitante e em todo caso muito poderoso de contato interno em cada ser humano – e todos nós nos deparamos com algum deles em determinado momento, tanto o nosso como o de outrem.

Nossa competência específica, apurada em anos de exercício e de trocas com colegas, não nos permite recuar e desperdiçar a oportunidade de explorar essas passagens secretas; o que, convenhamos, não é pouco.

Decorridos quase 120 anos da publicação da *Interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud – data a que se atribui, por convenção, o nascimento da psicanálise – conhecemos cada vez mais a complexa fisiologia do processo analítico, sem sombra de dúvidas, e muitas das configurações e do desenvolvimento que nele se manifestam; porém não podemos de fato prever sua sequência, alternância, intensidade e duração, justamente porque cada análise é uma história em si mesma.

Descobrimos muitas passagens secretas junto aos pacientes, e talvez não seja tão importante asseverar quem, no campo e durante o processo, as tenha detectado primeiramente.

Em alguma medida, diria o Mestre Zen, *se atirou*, e é esse *evento* que importa.

O pré-consciente

O fato realmente relevante é que essas potenciais passagens estão, antes de mais nada, disponíveis de maneira conflitante dentro de nós e podem de fato nos surpreender quando as descobrimos e tentamos usufruir delas.

Muito se escreveu sobre o pré-consciente, e as contribuições mais férteis na matéria encontrei em Lopez (1976, 1983), Green (1974), Filippini e Ponsi (1992) e Busch (2014).

Mas ainda há muito a ser escrito – a despeito de o argumento parecer datado em razão de sua forte raiz no âmbito da primeira tópica freudiana – nessa área, cuja frequência durante as sessões pode se revelar incrivelmente fértil: nela, avançamos e retrocedemos, oscilando entre o processo primário e o secundário, entre a racionalidade, as recordações e as fantasias mais ou menos insensatas, numa dimensão flutuante muito próxima ao onírico; e a aparente imprecisão (tal como ela se afigura ao leigo) de nos fiarmos em associações e percepções complexas é compensada pelo rigor do *setting* que buscamos manter, bem como pela estrutura interna articulada com a qual concedemos crédito e liberdade ao próprio pré-consciente.

Ao longo dos anos, passamos a confiar excessivamente em nós sem assumir muito do que somos, sem que pensemos em nossa categoria, oficial e institucionalmente reconhecida como “psicanálise”; então, nós, psicanalistas, de fato logramos sê-lo, e não somente no papel, flutuando sem muitas expectativas ou pretensões numa espécie de suspensão suficientemente tranquila e potencialmente criativa.

Resignemo-nos, de qualquer modo, ao fato de não sabermos nada de antemão, e ao fato de que definitivamente não seremos

“psicanalistas” tão somente após a aquisição de um diploma, e sim no dia a dia, sessão após sessão, se mantivermos vivo esse contato com nós mesmos, com os pacientes, com os colegas e com os objetos significativos presentes em nossa vida científica e pessoal.

Diversas profundidades: a identificação com os autores

Dentre as diversas metáforas da investigação do inconsciente em seus distintos níveis, são clássicas aquelas referentes à exploração das profundezas marinhas, evocadas para apreciar – mas também para não idealizar excessivamente – as reais possibilidades cognoscíveis. Eis uma imagem que pode causar certa irritação naqueles que valorizam o sentido, demasiadamente exclusivo, abstrato e idealizante do chamado *conhecimento* do inconsciente.

No dia 26 de janeiro de 1960, o famoso explorador subaquático suíço Jacques Piccard, com o seu batiscafo, desceu à vertiginosa profundidade de 10.916 metros na Fossa das Marianas (Oceano Pacífico). O batiscafo fora construído de modo a resistir à violenta pressão da água. Piccard e seu ajudante Walsh, protegidos por aquele invólucro de aço e com o auxílio de potentes faróis de iluminação, puderam constatar, através de uma espessa escotilha, que mesmo naquelas profundezas abissais a vida imperava: estupefatos, avistaram no fundo do mar algumas espécies estranhas de camarões e linguados, descoloridos e com aparência espectral.

Contudo, a experiência daqueles dois exploradores de fossas abissais, embora importantíssima, foi essencialmente visual; se tivessem entrado em contato direto com aquele ambiente, teriam sido esmagados pela pressão, obnubilados pela escuridão e congelados pela temperatura da água.

Tal como no Nautilus, de *Vinte mil léguas submarinas*, as profundezas verdadeiramente abissais são conhecidas apenas mediante a permanência no interior de um compartimento totalmente protegido, forte, metálico, capaz de resistir a pressões, temperaturas e desorientações inescapáveis que jamais poderiam ser encaradas por um ser humano desprovido de tais meios.

Do mesmo modo, o inconsciente profundo também é visto através de uma escotilha: o equivalente psíquico de uma espessa camada de vidro separa e protege o explorador do ambiente que o circunda.

O conhecimento adquirido dessa maneira é *teórico*, na acepção etimológica do termo, ou seja, visual (do grego *theoréin* = ver), e somente assim a Fossa das Marianas pode ser conhecida e explorada, seja ela real ou simbólica.

Portanto, os analistas, embora realmente capazes de *entrevêr* o ambiente profundo do inconsciente de seus pacientes, não estão em condições de experimentá-lo, tampouco de acessá-lo diretamente: através da escotilha de sua visão analítica, podem, quando muito, começar a se orientar e infundir cautelosamente em ambos o revolvimento dos materiais profundos rumo ao pré-consciente: que será, nesse caso, o nível psíquico mais suscetível ao tratamento interpsíquico durante a análise.

A técnica psicanalítica revela aqui duas essenciais e distintas áreas de competência:

Como favorecer o processo de representação, passando da “Fossa das Marianas” do verdadeiro inconsciente ao pré-consciente contactável, experimentável, compartilhável e progressivamente mentalizável, que pode ser simbolizado pelas modestas, porém jamais insignificantes profundezas acessíveis a um nadador normal, não encapsulável, mas livremente flutuante.

Como, num segundo momento, familiarizar o paciente com alguma continuidade com a própria vida psicoemocional, de modo que as experiências vividas não se manifestem por meio de sintomas, complicações ou somatizações magmáticas pré-representacionais, dissociadas do resto do *self*, mas passem a fazer parte da experiência plena do sujeito de forma integrada.

A ilusão de que a *visão/compreensão* abstrata possa produzir magicamente a transformação e a cura atinge, no imaginário popular, um de seus maiores níveis ilusórios nas expectativas iniciais do paciente em relação ao processo terapêutico: “O analista vai interpretar e explicar, eu vou entender e, instantaneamente, mudar!”. Como os profissionais do ramo sabem, as coisas não funcionam assim.

A análise pode ser extraordinariamente eficaz, mas quase nunca se desenvolverá de maneira fácil, rápida, elucidativa e simplesmente heteroinduzida. Pelo contrário, em muitos casos a terapia demandará um substancial e paciente trabalho compartilhado, muito mais complexo do que os leigos imaginam e que os analistas já conhecem bem tanto na teoria quanto na prática cotidiana.

A Fossa das Marianas pode ser explorada e conhecida tão somente desse modo, e o mítico submarino onírico do pequeno Richard, a criança tratada por Klein (1961), desenhado por ele durante uma das sessões, poderá imergir em grandes profundidades utilizando interpretações por vezes geniais em sua reconstrução e descrição visual de um mundo de objetos submersos, mas prevalentemente dedutivas e, em muitos casos, diretamente interditas a seu próprio *self*.

Uma criança não seria capaz de deslocar-se com desenvoltura nesses abismos; tampouco sua mãe, seu pai, e nem mesmo seu psicanalista.

Mesmo o conhecimento teórico, à luz do nosso *ego de trabalho* (Fliess, 1942; Schafer, 1983), é de extrema importância em *análise com o l'lo* (Bolognini, 2002): nos orienta durante o percurso, permite dar um nome e um sentido às coisas e nos sugere representações de outro modo inconcebíveis, mesmo que não nos permita o contato vivo, direto e pleno com elas.

A teoria psicanalítica é uma expressão científica (em muitos casos, hipotética), não obstante, preciosa e necessária ao ego de trabalho; o *self de trabalho* (Bolognini, 2002), com sua carga experiencial e sensorial, é a área do analista que deveria participar e harmonizar-se com este componente egoico de maneira ativa, descritiva e investigativa.

Acrescento que a metáfora do submarino (que permite uma visibilidade em condições de outro modo impossíveis, preservando o *self* do sujeito por um contato experiencial mais completo, momentaneamente insustentável) em alguns casos pode conter também uma referência admonitória em relação a eventuais condições de excessiva identificação projetiva do analista com determinado autor que o inspirou: *dali de dentro*, ou seja, de um *estado de identificação isolante e impermeável* com um ou mais autores/submarinos que formularam conceitos psicanalíticos robustos, vê-se de maneira cristalina (teoriza-se), com suma eficácia e prontidão, e assim o analista pode se sentir protegido precisamente por estar encerrado em um aparato teórico armado e, por vezes, até mesmo blindado.

O risco, nem sempre considerado presente, reside, porém, naquela possível perda de contato com o próprio *self*, de fato intrínseca aos estados de excessiva identificação projetiva para com um objeto *internalizado* (“tomado dentro”) e, no entanto, ainda *não introjetado* (“não digerido”).

Tornar-se um pouco o outro é um processo salutar, mobilizável como ecossondagem sempre que aplicado de forma temporária, parcial e, pelo menos, em alguma medida, administrável, como nas *trial identifications* (Schafer, 1959, 1964, 1983); mas pode degenerar-se perigosamente em formas maciças, estruturadas e inconscientes de verdadeira identificação: nesse caso, *grosso modo*, *torna-se* o outro, mas *perde-se* a si mesmo.

Certamente há, nessa operação, uma vantagem econômica imediata nas identificações excessivas com determinado autor, porque de fato assim podemos viajar mais rápido e aparentemente afastados de nossos conflitos e de nossas incertezas (também teóricas): nós nos tornamos o outro, o autor admirado ou o colega especialista, sem contar o fato de que, não sendo mais nós mesmos, estamos momentaneamente liberados de muitos de nossos limites e tensões; mas devemos dolorosamente registrar, simultaneamente, um grave dano “patrimonial” às despesas do *self*, em razão da perda de nossos elementos identitários autênticos.

Portanto, se um analista não trabalha *com* Freud, Klein, Bion, Winnicott, Kohut, Lacan etc. – como ocorre quando há uma boa introjeção que respeita a separação – e, em vez disso, descamba a *tornar-se* inconscientemente um deles, *perde-se* a si mesmo ao longo do caminho (Bolognini, 2013a, 2018).

A identificação, aquela verdadeira, é um fenômeno inconsciente por definição (Grinberg, Grinberg, 1976).

A relação com os autores, em nada distinta daquela com as importantes figuras de referência de nossa infância, constitui para cada um de nós, analistas, um sucessivo lugar de desdobramento interno da transferência, com o qual devemos lidar para além do fim de nossa análise.

Cabe a nós a tarefa perpétua de cultivar a nossa relação com esses sujeitos psicanalíticos internos, relacionando-nos com eles

intensa e criativamente, mas sem torná-los substitutivos de nosso *self*; amando e admirando, quando suas qualidades o permitem, dialogando com eles, aprendendo e enriquecendo-nos de introjeções parciais, mas respeitando sempre a alteridade.

Se entramos no submarino ignorando nossa fragilidade, nossa finitude e nossa real identidade, acabamos por perder nosso contato interno e o significado que temos de nós mesmos.

É provável que alguns leitores se recordem de um anime japonês dos anos 1980, no qual um garoto se transformava no megarrobô Goldrake, entrando em sua cabeça/cabine de comando e tomando-lhe as rédeas das ações. Assim ele protagonizava, onipotentemente, grandes feitos: pois bem, não é essa a nossa justa dimensão.

Voltaremos mais vezes a este ponto escorregadio e ludibriante, no qual a qualidade da formação do analista pode ser duramente colocada à prova, para além de qualquer nível de erudição ou de atualização conceitual.

Voltando ao pré-consiente mais viável

A integração experiencial é, não obstante, realmente possível no pré-consiente: acabar na água, ali, não é uma tragédia, pois estão em jogo profundidades modestas, absolutamente experimentáveis, mesmo quando se busca – tal como numa piscina – uma certa ambientação preparatória para aqueles que são inexperientes.

E, no entanto, o belo dessa ambientação consiste em dar-se conta de poder navegar, de poder flutuar, de poder progressivamente confiar em si mesmo e no próprio ambiente, de poder aferir-se a uma fluidez diferente, a uma realidade que segue códigos

vários e inesperados em relação àquilo a que estávamos habituados, mas que não nos foi vetada.

Se a regressão funcionar como deve, o indivíduo que inicia seu percurso analítico não entra em contato apenas com suas angústias e suas frustrações recalçadas, mas também com a riqueza de muitas partes de si mesmo excluídas de diferentes formas ou mantidas segregadas umas das outras: o rio associativo, oportunamente contemplado, dissolve a argamassa da porta murada, remove suas pedras, e o “muro” desmantela-se aos poucos, sem colapsos desastrosos e rompimentos forçados, reabrindo áreas antes inacessíveis.

Nelas, o paciente poderá encontrar personagens e situações internas que há anos o esperavam, que pediam passagem para entrar em cena reemergindo de prisões subterrâneas; ou para simplesmente vir à luz, concluindo uma gestação representacional inconclusa, jamais segura, emergindo do limbo do inconsciente não recalçado.

A regressão, se assistida de maneira oportuna, poderá reabrir os jogos e restituir vida, oxigênio e liberdade ao pré-consciente, convertendo-o num ambiente mais familiar, fértil e, definitivamente, fruível.

A economia energética intra e interpísica

O aspecto econômico é especial na vida psíquica pré-consciente, e a este respeito os leitores encontrarão as mais extensas considerações sobre o tema.

A viabilidade do pré-consciente, quando possível, proporciona considerável economia energética, uma vez que as passagens (mais ou menos secretas) permitem transpor as barreiras fronteiriças do

ego defensivo e do superego sem taxas alfandegárias, controles e burocracias.

Menos atrasos, menor fadiga, menores interdições; assim as carências temporárias de mentalização completa podem ser integradas em seu próprio andamento.

Retomando a imagem da antiga casa nos Apeninos, me vêm à mente os engenhosos dispositivos da alta Idade Média utilizados para enviar mensagens de voz de um plano a outro nos casarões e castelos: dutos acústicos intramuros, construídos à guisa de *tromba de Eustáquio* e escavados em pedra calcária, em tudo semelhantes à conformação das vias internas do ouvido, permitiam a quem estivesse na adega se comunicar diretamente em viva voz com os planos superiores sem dispêndio de tempo e de energia. Assim, sem necessidade de deslocamento e sem muita gritaria, a palavra ia da adega ao segundo andar, contornando o primeiro, como uma espécie de *interfone*.

Com base num artifício análogo, a sabedoria necessária daqueles antigos habitantes também podia abastecer os armazéns de grãos do sótão através de dutos intramuros (nesse caso, verticais e em linha reta) que permitiam a passagem direta de grãos e farinha ao andar térreo, poupando as pessoas de descer as escadas com pesados fardos sobre as costas.

Mensagens rápidas sem mensageiro

Permaneçamos, a modo de continuidade e riqueza de metáforas, no imaginário sugerido pela história medieval: naqueles tempos perigosos, em que quase todo castelo dispunha de defesas e de provisões suficientes para resistir, durante algum tempo, a assaltos e a tentativas de invasão (e aqui nós, analistas, estabelecemos

analogias imediatas com a dimensão defensiva intra e interpessoal contra as traumáticas invasões transpsíquicas), mas nos quais os cercos eram frequentes e tornavam problemática até mesmo a comunicação com o mundo externo, como as notícias e mensagens chegavam de um castelo a outro?

Em tempos de paz, o modo tradicional, correspondente na metáfora empregada à comunicação consciente interpessoal do ego ao ego, consistia no emprego de um mensageiro, às vezes a cavalo, que levava consigo os boletins informativos.

Mas, na verdade, as coisas não eram bem assim na maioria dos casos, e hoje sabemos pelos historiadores que as notícias viajavam a uma velocidade muito superior, de modo que em Roma se podia saber, em relativamente pouco tempo, o que havia acontecido em Milão, Bolonha ou Florença.

A rede de castelos estava, surpreendentemente, interconectada por um sistema articulado de sons (sinos), sinais de fumaça (diurnos), fogos (noturnos) e espelhos luminosos.

Cada castelo, como requisito mínimo, devia ser visível de outro, e as mensagens sonoras ou luminosas viajavam a uma velocidade bem diferente daquela do cavalo: *mirroring castles* [castelos-espelhados], poderíamos dizer, seguindo nosso jogo metafórico que nos permite imaginar um intersíquico não necessariamente mediado pelo ego, em cujas defesas poderiam por vezes interferir fortemente, às vezes suprimindo o mensageiro (e, conseqüentemente, o nexos).

Aliás, considero as pesquisas sobre neurônios-espelho (Rizzolatti, Sinigaglia, 2006; Gallese et al., 2003) extremamente interessantes para nós, psicanalistas (ver a bela análise interdisciplinar apresentada por Falci [2017]), seja pelas suas aquisições em si, seja pela perspectiva e pelas premissas metodológicas de partida tão

diversas adotadas pelos neurocientistas, mas que em muitos aspectos convergem com as nossas.

Contudo, creio que não se pode perder de vista o fato de que elas dizem respeito, necessariamente – pelo menos por ora –, a um nível antes preciso e circunscrito das situações empáticas inter-humanas, cuja real complexidade vai muito além dos níveis primitivos de antecipação intencional e de previsibilidade implicados nesses fenômenos elementares (Bolognini, 2004). Reivindico a empatia humana e psicanalítica de um modo mais específico, com um nível de profundidade e de complexidade cognoscitiva muito maior do que as descritas e estudadas até então – e, não obstante, admiráveis – pelos neurocientistas.

Voltando à metáfora medieval, tentemos imaginar não somente os espelhos com sua respectiva linguagem cifrada, rápida e essencial; não somente o mensageiro a cavalo com seus boletins informativos; não somente o cortejo de dignitários em carruagens com seu testemunho oficial e enfatizado da mensagem manifesta; mas antes, e sobretudo, a mais surpreendente das realidades medievais, constituída pela rede de vias subterrâneas que conectavam os castelos, permitindo a passagem de mão dupla de soldados e, às vezes, até de animais.

O sistema de galerias – do qual há testemunhos – responsável por ligar, na Emilia, a fortaleza de Savignano sul Panaro à de Bazzano e à abadia fortificada de Menteveglia (sistema subdividido em ramais por conta da dificuldade de arejar os túneis) permitiu à lendária condessa Matilde di Canossa (1046-1115), máxima mediadora no conflito medieval entre o Império Romano-Germânico e o Papado, atravessar secretamente aquelas vias com seus dignitários, precedida e seguida pela sua escolta de soldados.

Seria como dizer, passando da metáfora medieval à vida psíquica, que o contato e o diálogo com os objetos internos às vezes

viajam por vias invisíveis ao mundo externo, mas podem permitir o ingresso no interior das mais inacessíveis fortalezas: obviamente, tal operação requer a confiança de base, necessária para se aventurar nas profundezas viscerais do *self*.

Nessas profundezas, pelo menos de início, não podemos entrar sozinhos.

São profundezas compartilhadas – caso as coisas saiam realmente bem – antes de tudo com nossa mãe, também com nosso pai, se as coisas saírem ainda melhor; e com qualquer outra pessoa caso a vida tenha sido particularmente generosa conosco. Portanto, havendo necessidade, a análise reabre os jogos nas sucessivas faixas etárias e para além do estreito círculo familiar; e a regressão assistida e parcialmente coparticipada nos conduz ao lugar onde a fusionalidade fisiológica (Pallier, 1990; Bolognini, 1997, 2002, 2018; Fonda, 2000, 2019; Bonfiglio, 2018, 2019; Lombardozi, 2019; Meterangelis, 2019) pode ser novamente instaurada, e onde, entre o *self* e o não *self*, pode-se reabrir uma área intermediária criativa que ainda não corresponde totalmente ao consciente declarado *nós*, mas na qual os conteúdos internos de um indivíduo (a partir do leite, mas também de seus sucessivos equivalentes físicos e psíquicos) podem fluir para o outro com base no desejo vital, no prazer e na confiança até atingir uma introjeção mais autêntica e profunda.

Nesse ponto, o não *self*, o inquietante e amiúde inaceitável *Outro*, pode ao mesmo tempo transformar-se, de maneira gradual e tolerável, no outro (com “o” minúsculo), no sentido de uma outra pessoa separada e reconhecível. É assim que nos nutrimos, é assim que nos relacionamos, e é assim que crescemos e nos formamos.

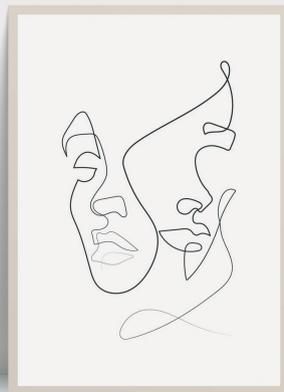
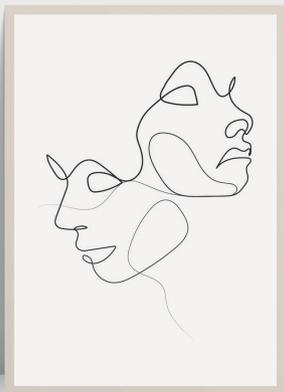
Na vida adulta, encontraremos no amor genital essa possibilidade de fazer fluir “algo interno” de um para outro, do âmbito interno ao âmbito interno, através de vias relacionais subterrâneas,

íntimas, mucosais, capazes de ultrapassar com naturalidade as fortalezas defensivas mais aguerridas (Bolognini, 2008a).

O intersíquico se recupera e reabre aquelas perviedades, se reconstrói ou, ainda, em alguns casos, constrói-se *ex novo*. As páginas a seguir versam justamente sobre essa dimensão, que, a partir do *inter-* (na relação primária), pode ser introjetada e constituir-se *intra-*, até que seja novamente jogável como o *inter-*, inclusive na vida adulta.

Trata-se de um percurso potencial em que nada está garantido de antemão, mas no qual muito pode ser criativamente colocado em jogo quando a vitalidade e a capacidade das relações internas são assistidas.

Contudo, antes de adentrar ao terreno experiencial da clínica propriamente dita, passo, nas próximas páginas, a uma divagação exploratória sobre a relevante função do pré-consciente.



Como as coisas passam de uma pessoa para outra? E quais são as consequências disso sobre o modo de ser interno de um sujeito? Este livro explora a área das trocas intra e inter-humanas inconscientes e pré-conscientes que funcionam harmoniosamente: o conceito inspirador fundamental é o dos equivalentes psíquicos das trocas corporais naturais entre as pessoas e suas alterações que produzem patologia. No nível da técnica, o psicanalista trabalha hoje com um método complexo, que na realidade usa processos e ferramentas fundamentais da fisiologia básica original, como a experiência da coexistência psíquica e a cooperação com o paciente em níveis profundos de relacionamento pré-pessoal e pré-subjetivo: a psicanálise não é apenas a ciência do inconsciente, mas também a ciência do caminho que leva ao inconsciente, tornando os canais pré-conscientes dos pacientes praticáveis e habitáveis de maneira fértil, transformadora e eficaz.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-075-1



9 786555 060751



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Fluxos Vitais Entre o Self e o Não Self

O intersíquico

Stefano Bolognini

ISBN: 9786555060829

Páginas: 256

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022
